

ENTRE PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES: AS CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS ACERCA DO
HOMOEROTISMO FEMININO NO BRASIL (1960-2008)

Maria Tereza Marques de Oliveira – UFCG*
(Autora)
Anne Micheline Souza Gama Rodrigues – UFCG*
(Co-autora)

No período da segunda metade do século XX até os dias atuais, observa-se uma crescente aproximação entre os vários campos científicos e a História. Na História, o momento de transição entre modernidade/pós-modernidade traz consigo elementos novos que vão se fixar no nosso cotidiano de discussões e permear muitos dos novos campos de pesquisa em História, principalmente no setor cultural, trazendo à tona elementos discursivos que antes eram postos à margem pela História. Uma breve análise acerca das produções historiográficas mundiais e suas ramificações no Brasil se faz necessário uma vez que vem a dar suporte as discussões acerca da Homossexualidade, no intuito de mostrar o porquê dessa “invisibilidade” da temática no setor público e na produção de conhecimento, bem como justificar os poucos estudos no campo científico (em História) referentes a Homossexualidade, em especial a feminina. Destacando os desdobramentos que a produção Histórica sofreu nessas últimas décadas, apresentamos os “novos” objetos de estudos surgidos e levados a público pela História, dentre eles e em especial, o lugar do feminino que foi sendo criada em nossa sociedade.

Partindo de uma análise contextual do período em questão, a fim de demonstrar os “novos” direcionamentos das pesquisas no campo historiográfico, para em seguida concluir, apresentando os vários discursos acerca da homoafetividade feminina no Brasil. Assim, torna-se necessário apresentar a aproximação que houve entre a História e os demais saberes científicos, e como se descortinou os vários estudos acerca de objetos, elementos, sujeitos que antes eram marginalizados pelos campos produtores do saber no Brasil e no Mundo.

Portanto a proposta desse trabalho é apresentar ao olhar público as “marcas obscuras” que permeiam as discussões acerca das práticas homoeróticas femininas no Brasil Contemporâneo (1960-2008), analisando as produções discursivas em tornos de tal questão. Partiremos de análises acerca dos diversos campos dos saberes científicos (Antropologia, Psicologia, Sociologia

* Graduanda em História pela Universidade Federal de Campina Grande.

* Graduanda em História pela Universidade Federal de Campina Grande.

e História) em torno da temática “homossexualidade feminina” apresentando os olhares que cada seguimento traz em torno do assunto.

Considerando o período da segunda metade do século XX até os dias atuais, observamos uma crescente aproximação entre os vários campos científicos e a História. Na História, o momento de transição entre modernidade – pós-modernidade traz consigo elementos novos que vão se fixar no nosso cotidiano de discussões e permear muitos dos novos campos de pesquisa em História, principalmente no setor cultural, trazendo à tona elementos discursivos que antes eram postos à margem.

Uma breve análise acerca das produções historiográficas mundiais e suas ramificações no Brasil se faz necessário uma vez que vem a dar suporte as discussões acerca da Homossexualidade, no intuito de mostrar o por quê dessa “invisibilidade” da temática no setor público e na produção de conhecimento, bem como justificar os poucos estudos no campo científico (em História) referentes a Homossexualidade, em especial a feminina. Destacando os desdobramentos que a produção Histórica sofreu nessas últimas décadas, apresentamos os “novos” objetos de estudos surgidos e levados a público pela História, dentre eles e em especial, o lugar do feminino que foi sendo criada em nossa sociedade.

No universo vivenciado pela pós-modernidade encontram-se fissuras ou elementos de ruptura com a visão moderna da História. Enumerando de maneira discursiva, o que se observa é que a grande questão que se articulou em torno das "mudanças" foi à quebra com a idéia de "construção de uma História Global"¹. Enquanto na modernidade buscava-se sistematizar os acontecimentos de maneira universal - unificadora e totalizante; na Pós-modernidade se apregoa a idéia de micronarrativas ou microrrecortes no todo social, ou seja, histórias tematizadas. As transformações e os continuísmos abstraídos dessa transição Modernidade/Pós-Modernidade são causadores de grandes implicações historiográficas. As grandes narrativas políticas dão lugar a uma "pluralidade cultural": o homem “selvagem”, a loucura, a criança, a mulher, o doente, o delinqüente, etc., passam a fazer parte das representações da história que se constrói a partir das margens - uma história periférica. Descortina-se um "olhar em migalhas" que capta e traz à cena as diferenças e os desvios que antes eram descartados. O retorno do "eu", a partir das

¹ REIS, José Carlos. *História da história: civilização ocidental e sentido histórico e Da História global à História em migalhas: o que se ganha, o que se perde?* In: **História e Teoria: Historicismo, modernidade, temporalidade e verdade**. Rio de Janeiro: FGV. Ed, 2003

experiências vividas, transforma a alteridade em um problema histórico - preocupação com as "aventuras individuais". O interesse pelo efêmero causa uma maior mobilidade na história - aceleração da mudança. No projeto pós-moderno de construção de uma história não-linear constata-se uma presentificação do mundo - exaltação do tempo presente, havendo assim uma ruptura com o passado e o futuro.

Diante de tais "rupturas" observa-se a necessidade de um novo planejamento para a prática historiográfica. Existe um domínio que determina uma série de métodos ou práticas que interferem e, de certa forma, determinam o lugar de onde se produz História. O estabelecimento de lugares sociais de fala institucionalizados tem posto o historiador na função de mediador entre as idéias e o lugar. Essa burocratização das práticas historiográficas e a institucionalização dos saberes² tem concretizado o discurso enquanto algo passivo de controle. Logo, abre-se prerrogativas em torno da idéia de verdade - o pós-estruturalismo busca romper com a idéia de história enquanto verdade absoluta, bem como se afasta da concretude legitimadora da história a partir dos documentos. Neste sentido, a abstração subjetiva dos objetos de estudo dão uma maior pluralidade a história que, retomando o universo das mentalidades - religiosidade, sentimentos, rituais, infância, sexualidade, prisões, doença, amor, morte, loucos, mulher, homossexualidade, corpo, modo de vestir, etc., elenca novas discussões e enriquece o campo de conhecimento histórico. Essas problemáticas vão direcionar o estudo histórico dentro da pós-modernidade trazendo consigo elementos que entram em combate com as antigas práticas historiográficas, contudo, a explanação acerca da produção de uma análise historiográfica se faz necessário uma vez que vivemos esse universo de ambigüidades e por isso somos sujeitos dessa história que está por se escrever.

Trazendo à tona as discussões propagadas pela multiplicidade de idéias que se faziam "ouvir" na segunda metade do século XX podemos afirmar que houve uma certa "transferência de reinado" na produção historiográfica da época. O que se observa é que ao final dos anos 1970, tornaram-se cada vez mais evidentes sinais de "esgotamento" dos três grandes modelos historiográficos predominantes no período subsequente à segunda guerra mundial. A busca de novas formas de representação nas ciências sociais tem início nessa quadra de 1970. A crise já vinha aparecendo em algumas ciências sociais vizinhas, a começar pela antropologia. A época

² CERTEAU, Michel de. *A Operação Historiográfica*. In: **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora Universitária, 1982.

das grandes propostas paradigmáticas, como as do marxismo, dos Annales e do quantitativismo estrutural, que se estendeu dos anos 1940 até os 1980, cedeu à fase da crise dos paradigmas e da busca de novas formas de investigação e de expressão. Nesse novo universo que se descortina são três as tendências que se destacam: a micro-história e a nova história cultural³, que têm relação explícita com diversas das idéias e posições do pós-modernismo, e a "ciência história sócio-cultural".

Buscando novas maneiras de pensar a história, muitos historiadores se lançaram, principalmente a partir da década de 1960⁴, àquilo que eventualmente passou a ser conhecido como a "História vista de baixo"⁵. Neste cenário não há mais espaço para as grandes narrativas e relatos de batalhas, acordos diplomáticos, sucessões de poderes. Torna-se perceptível o direcionamento para as narrativas do cotidiano de "pessoas simples", colocando no enfoque das escritas a histórias dos que até então eram deixados de lado pela História Tradicional: mulheres, negros, homossexuais e loucos.

Nos anos oitenta constata-se uma mudança no panorama das tendências e ensaios no campo da teoria e da pesquisa social, em seu conjunto incluída a historiografia em todas as suas variações. O cenário ao final do século XX pode ser caracterizado das mais diversas maneiras, mas certamente se impõe o aspecto de certa dispersão, rica em propostas inovadoras, fértil em modismos e abundante em "releituras". A época das grandes propostas paradigmáticas, como as do marxismo, dos Annales e do quantitativismo estrutural, que se estendeu dos anos 1940 até os 1980, cedeu à fase da crise dos paradigmas e da busca de novas formas de investigação e de expressão.

Como se vê, a produção historiográfica na segunda metade do século XX encontrava-se emersa em uma crise epistemológica mundial. Tal contextualização elenca questões de ordem discursiva, remetendo sempre ao embate teórico desenvolvido pelas múltiplas correntes da época,

³ BURKE, Peter. *Unidade e variedade na história cultural*. In: **Variedades de História Cultural**. Rio de Janeiro: editora Civilização Brasileira, 2000.

⁴ VASCONCELOS, José Antonio. *História e Pós-Estruturalismo*. In: **Narrar o passado, repensar a história**. RAGO, Margareth e GIMENES, Renato Aluiziu de Oliveira (Orgs.). Campinas: Unicamp, IFCH 2000 (Coleção Idéias).

⁵ THOMPSON, Eduard P. *A História Vista de Baixo*. In: **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas: Ed. UNICAMP, 2001. p. 185-201.

abrindo espaço para a emergência de novas perspectivas e a recepção das “novas” abordagens históricas no cenário brasileiro.

O que se observa é que nessa movimentação em torno da escrita da História aproximou os saberes científicos que através da interdisciplinarização se articularam em torno da produção de discussões mais ricas, que englobassem os conhecimentos não de apenas um campo de saber, mas que abarcasse uma discussão multidimensional, com questões históricas, antropológicas, sociológicas, etc. Assim, esse trabalho vem a justificar essa aproximação apresentando uma análise dos discursos que foram se construindo em torno da Homossexualidade feminina no Brasil (1960-2008) no campo da História, Sociologia, Psicologia e Antropologia, fazendo sempre referência às particularidades que cada uma traz, mas sem negligenciar os usos de elementos que uma faz das outras – tomar emprestado as falas de outros campos de saberes científicos.

Dando início a análise objetiva do nosso trabalho, podemos afirmar que o grande mistério que se sucede acerca da sexualidade e suas práticas tidas como “desviantes” perpassa a questão da discussão de tal orientação ser ou não normal; a luta diária que tais personagens enfrentam por direitos igualitários no setor social; a questão da parentalidade e conjugalidade como direitos básicos exigidos por tal “grupo”; bem como a questão da visibilidade que tal problemática engendra na sociedade como um todo. Logo, procuro trazer a público essa idéia da homossexualidade feminina e algumas nuances que a permeia.

O cenário que se descortina em torno da homoafetividade feminina é que esta se constrói no silêncio – seja este silêncio suscitado pelo medo da violência, julgamento público ou pela preservação de uma identidade que muitos encaram como “diferente”, “anormal”. No tocante a esse conceito do “diferente” relativo a homossexualidade feminina Jimena Furlani⁶(2006) em um artigo intitulado “*Mulheres só fazem amor com homens?*” (*Des*)*construindo a homossexualidade feminina na Educação Sexual* busca “desconstruir” os mecanismos históricos que definem o “diferente” como significativamente “indesejável”. A autora põe em dúvida a hegemonia das sexualidades tidas enquanto “normais”, afirmando que o maior amparo em defesa da heterossexualidade se faz através da necessidade da reprodução, sendo este o elemento preponderante na atribuição do *status* de normalidade que este possui. Relativo a utilização de

⁶ Doutora em Educação (UFRGS – 2005), na Linha de Pesquisa: Relações de Gênero, Sexualidade e Educação”, sob orientação da Profa. Dra. Guacira Lopes Louro. Mestre em Educação (UFSC – 1993), com dissertação voltada a temática da formação de educadores e educadoras. Linha de Pesquisa: Educação e Ciência. Orientação Dr. José Erno Taglieber. Bacharel e licenciada em Ciências Biológicas (UFSC – 1988) (UFSC - 1992)

tais discussões no ambiente escolar infantil Furlani (2006) afirma que há uma carência no setor da educação infantil de trabalhos com tal temática, pois o *desejo de não saber* – relutância para admitir e reconhecer a existência do “outro”, parece ser mais forte que a necessidade de se dá voz a tal discurso no ambiente escolar infantil.

Nos discursos acerca da homoafetividade feminina o não-dito seria o indesejável, e encarado enquanto ameaça, guarda-se no silêncio incômodo, porém seguro, de um discurso que necessita se fazer ouvido, mas que esbarra no olhar preconceituoso de uma sociedade que se diz pós-moderna, contudo, traz em sua essência aspectos conservadores e tradicionais.

Acerca da questão do discurso da homossexualidade feminina se fazer no silêncio nos deparamos com opiniões díspares dentro dos estudos direcionados a temática homoafetividade feminina no Brasil. Denise Portinari (1989) no livro *O discurso da homossexualidade feminina* trabalha a homossexualidade como um território da subjetividade elaborada na linguagem, e não como um comportamento, estado, sintoma ou atributo do sujeito. Assim, a homossexualidade feminina apresenta-se como algo que tem uma série de “já-ditos”, pois é um discurso e esse existe através da linguagem.

“A homossexualidade é dita.” É uma forma de dizer que qualquer concepção, devaneio, comentário, discussão, percepção e inclusive qualquer vivência referida à homossexualidade será necessariamente um *ato de linguagem*, submetido portanto a todas as forças que atuam nesta e que incidem sobre ele e o constituem.⁷

Dando continuidade a esta discussão acerca dos “não-ditos” no universo de surdina da homoafetividade feminina o artigo *A construção do lesbianismo na sociedade carioca oitocentista*, da historiadora Minisa Nogueira Napolitano (2004) trata da questão da invisibilidade acerca do lesbianismo no Brasil como algo que se fez historicamente. Ou seja, não é um problema atual, e sim, algo que veio se consolidando ao longo dos anos. É mostrado que não há muitas referências históricas acerca da prática homoerótica entre mulheres no Brasil de outrora. Segundo Minisa(2004), em 1642 a sodomia feminina fazia parte da alçada da Inquisição e que esta não dava “visibilidade” a tal ato por considerá-lo improvável de ser concretizado enquanto prática efetiva. Assim sendo, era impensável para a sociedade que duas ou mais mulheres tivessem relações sexuais entre si. Após esse período houve uma grande lacuna de “silêncio” em

⁷ PORTINARI, Denise Barruezo. **O discurso da homossexualidade feminina**. Rio de Janeiro: Editora Brasiliense, 1989. p.p. 18.

torno da temática no Brasil, onde nem sequer foi mencionado nada a respeito do assunto. No século XIX, com as transformações culturais no cenário nacional, a autora destaca um “retorno” das lésbicas⁸ a história do Brasil através dos escritos médicos. Contudo, o que se observa é que essas mulheres passaram a ser vistas como *aberrações sexuais* pelos médicos da época, que se tratando da homossexualidade não sabiam se deveriam puni-las como se fossem delinquentes ou se deveria tratá-las como se fossem doentes.

Esse pronunciado silêncio em torno da homossexualidade feminina é realmente algo que se faz presente em quase todos os discursos acadêmicos que se propõe a trabalhar tal temática. No artigo *Reserva e invisibilidade: a construção da homoconjugalidade numa perspectiva micropolítica*,⁹ do sociólogo Antônio Cristian Saraiva Paiva (2007), afirma que há uma imposição do silêncio acerca da homoafetividade através do preconceito e do senso comum da sociedade.

Não dispomos de uma mediação discursiva (Elias, 2001) para expressar as intensidades do desejo, tais sujeitos tentam decodificar o que sentem a respeito de si e de sua preferências eróticas utilizando discursos residuais, difamatórios, desqualificadores. Daí, a imposição do silêncio, distância, segredo, medo, culpa, dificilmente removíveis.¹⁰

Isso vem a concretizar a defesa que Paiva (2007, p. 29) faz em relação a constituição dos relacionamentos de homossexuais se dá pelo silêncio, encenada por uma *microsociologia da surdina* que ele destaca:

A exploração desse espaço “fraturado” entre o “dizer” e o “dar a ver” possibilita a afirmação do relacionamento no interior de laços familiares, de amizade, profissionais, numa complexa tensão entre reconhecimento e silêncio. A administração desse silêncio que vê, ou dessa evidência muda está muito presente nas histórias narradas na pesquisa, e nos obriga a pensar para além de um dualismo assumido/ não assumido, dentro/ fora do armário. Esse “silêncio” mantido por parte dos familiares, dos amigos, dos colegas de trabalho etc., sobre o relacionamento pari passu com a intensificação dos contatos com os casais (isto é, um silêncio anuente), nos obriga a pensar uma outra “epistemologia do armário” (Sedgwick, 1990). Quais são as regras desse manter-se escondido, isto é, ao abrigo de uma declaração pública sobre os próprios amores e desejos, que, no entanto, se imiscui à vista de todos, sem que ele seja falado? Portanto, uma visibilidade dos

⁸ Utilizo o termo lésbicas pra facilitar o entendimento do leitor, contudo, a terminologia utilizada na época pra denominar uma série de atos de mulheres que se relacionavam afetivamente e sexualmente com outras mulheres é *fricatrices* ou *Tribades*.

⁹ Esse artigo é parte integrante da tese de doutorado de Antônio Cristian Saraiva Paiva, intitulada *Reservados e invisíveis: o ethos íntimo das parcerias homoeróticas* em sociologia da EFC, 2007. O artigo encontra-se no livro **Conjugalidades, parentalidade e identidades lésbicas, gays e travestis** / org. Miriam Pillar Grossi, Anna Paula Uziel e Luiz Mello. – Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

¹⁰ PAIVA, Antônio Cristian Saraiva. *Reserva e invisibilidade: a construção da homoconjugalidade numa perspectiva micropolítica*. In: **Conjugalidades, parentalidade e identidades lésbicas, gays e travestis** / org. Miriam Pillar Grossi, Anna Paula Uziel e Luiz Mello. – Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

interstícios e não uma visibilidade ostensiva. É nesse espaço emaranhado, barroco, borromeano, que os relacionamentos se constituem.¹¹

Buscando destacar os dilemas e enfrentamentos perpassados por mulheres que amam outras mulheres e os percalços destas dentro de uma sociedade predominantemente heterossexista e falocrática, descortinaremos discursos que se apresentam em defesa ou contrários a tais práticas no setor público, contudo, a grande questão encenada será as representações (sociais e sexuais) que tal opção ou orientação perpassa na vida dessas mulheres que se negam a enquadrar-se em categorias ou definir-se, reduzidamente, ao estereótipo de “Lésbica”, mas, que acima de tudo, afirmam-se enquanto mulheres que desejam, amam e querem ser amadas. Enfim, são mulheres que buscam seu espaço, que gritam por seus direitos e que amam independente da sua orientação sexual.

Em um artigo intitulado *Feminismo e Lesbianismo: a Identidade em questão* da historiadora Tânia Navarro Swain (1999, p.109-120) destaca-se o fator do lesbianismo sempre encontrar-se ligado ao movimento feminista contemporâneo que recusa o mundo patriarcal de dominação dos valores masculinos e exalta os valores femininos. Contudo, enfatiza que o movimento feminista esteve mais preocupado em defender os direitos das mulheres frente a divisão de gênero (homem x mulher) na sociedade, do que lutar por conquistas no campo da sexualidade. Classificando as práticas homoeróticas entre mulheres como uma categoria (construção de uma identidade a partir de uma prática – a sexualidade) ela critica de forma enfática a forma de encarar a sexualidade como elemento definidor do indivíduo, como se observa nesse trecho:

O lesbianismo não pode ser um definidor de identidade já que não pode nem ao menos ser definido enquanto categoria. Tema espinhoso e quase sempre ausente nas teorias feministas que nos precedem, ocupadas com os problemas derivados da divisão binário do social aparece entretanto, há cinquenta anos, na obra máxima de referência do feminismo contemporâneo - *O Segundo sexo* de Simone de Beauvoir.¹²

O artigo é uma contextualização discursiva em torno da obra pioneira do feminismo contemporâneo: *O Segundo Sexo* de Simone de Beauvoir que nos apresenta as ambigüidades das representações sociais. Sociedade esta onde a lógica do desejo masculino é que define o lesbianismo, um mundo marcado pelo binário heterossexual da norma disciplinar. Assim Swain

¹¹ PAIVA, Op. cit. p.p. 29.

¹² SWAIN, Tânia Navarro. *Feminismo e lesbianismo: a identidade me questão*. In: *Cadernos Pagu* (12), 1999. p.p. 109-120.

(1999, p.109-120) constata que na disseminação da identidade, lesbianismo e feminismo caminham juntos na luta contra a violência da norma “heterossexista” que ainda se faz predominante.

Essa aproximação que é feita entre o movimento feminista no Brasil e o lesbianismo também é destacado no artigo *Por uma cultura filógina* de Margareth Rago (2001, p. 53-66) onde ela sae em defesa das feministas, “condenando” as constantes estigmatizações acerca da figura da feminista com rotulações pejorativas. Segundo Rago (2001, p. 53-66)., essa estigmatização se fez como algo histórico e que ainda constitui nosso cotidiano. A autora destaca que esse discurso de aproximação entre os dois segmentos se faz de forma verdadeira, contudo, com certos distanciamentos. O movimento feminista tem como principal bandeira *as políticas do corpo*, ou seja, reivindica os direitos ao próprio corpo, reivindica o direito ao prazer sexual da mulher. E não tem como elemento fundamental a luta por direitos das mulheres homossexuais, o que é o caso dos movimentos LGBT. Essa liberdade feminina defendida pelo feminismo e reforçada pelo lesbianismo questiona categorias de significação e explicação sociais amplamente aceitas, o que causa reações ao movimento feminista no Brasil (RAGO, 2001). Assim, percebe-se que as lutas desses dois segmentos em defesa das mulheres se faz por caminhos díspares, porém, suas histórias não deixam de se entrelaçarem no caminho que percorrem.

Ainda no tocante a essa questão do Lesbianismo caminhar por “territórios impenetráveis” no campo do silêncio, Jacqueline Muniz em um texto intitulado *Homossexualidade: um-amor-que-não-diz-seu-nome* enfatiza o não-dito como algo incômodo (ameaça), mostrando que a homossexualidade feminina encontra-se numa região incógnita apresentando-se como uma caixa de surpresa. Segunda a autora a sociedade encara a homossexualidade como algo impensável, ou seja, ela é inexistente aos olhos do mundo e de si mesma. Segundo Muniz:

É dessa maneira que a homossexualidade feminina se põe no mundo. Como uma região incógnita, uma espécie de caixa de surpresa que suspeita do discurso que a veicula, o amor entre mulheres é capaz de disseminar perplexidade, seja quando parece optar pelo seu ruidoso silêncio, seja quando autoriza alguma tradução. Em ambos os casos, esse amor-que-não-ousa-dizer-o-nome aparece como alguma coisa que inteligível, não encontra correspondência na gramática sexual abrangente. Filha bastarda de uma sexualidade pouco afinada à sua voz, a homossexualidade feminina figura como subterrânea e por vezes inexistente aos olhos do mundo e de si mesma.¹³

¹³ MUNIZ, Jacqueline. Homossexualidade: Um-amor-que-não-diz-seu-nome. Texto retirado da internet e que pode ser encontrado no endereço eletrônico: http://www.yararibeiro.com/palavras/jacqueline_muniz.htm. O texto foi extraído da internet no dia 18 de maio de 2008 às 17h30min.

Esse silêncio e essa invisibilidade que perpassam o homoerotismo feminino vem a mostrar-nos que existe uma necessidade de se abrir e desenvolver discussões a respeito do assunto no cenário nacional como forma de dá visibilidade a questão e elencar diálogos que levam a sanar (pelo menos em parte) a questão da “aceitação” da homossexualidade dentro do campo social. Nesse mesmo sentido caminha a discussão desenvolvida por Denise Portinari (1989) na sua obra *O discurso da homossexualidade feminina* na qual ela apresenta a linguagem em torno da homossexualidade feminina como algo marginal, que se faz nos recantos e entrelinhas, ou seja, construção de uma linguagem às sombras do discurso normatizado. Segundo ela, são nesses espaços implícitos onde o silêncio fala.

Nesse contexto, você deparar-se com o “diferente”, aceitar o “outro” com suas particularidades e conviver com as vicissitudes individuais é algo complexo de se conceber e é nesse sentido que Jacqueline Muniz desenvolve uma análise contextual a partir de um viés histórico, na busca por demonstrar que essa “invisibilidade” acerca do homoerotismo não é algo novo, mas que perpassa toda a história. Enfim, mostra que esse discurso do lesbianismo é uma narrativa que se constrói no silêncio incômodo e oculto. Uma “história” que se faz as margens da História.

Essa história periférica, com caracteres “obscuros” muitas vezes surge diante de nossos olhos com aspectos de novidade. Subterfúgios discursivos usados por uma nação que se apresenta “moderna”. É nesse sentido que o artigo *Ser ou estar homossexual: dilemas de construção da identidade social*¹⁴ de Maria Luiza Heilborn (1996, p.136-145) apresenta a questão do lesbianismo. Logo, a difusão da modernidade no Brasil se deu com uma maior abertura acerca da afirmação do homossexual no cenário nacional. A liberalização dos costumes, a publicização dos estilos de vida alternativos seriam fatores que apontariam uma evolução acerca dos tradicionais costumes do Brasil. Assim, a autora deixa subentendido que tem havido uma fragilização da hegemonia do modelo tradicional e segundo a pesquisa desenvolvida por ela, constata a inserção de elementos que possibilitam a difusão de um discurso homoerótico no país. Assim, vê-se emergir o descortinamento de um novo quadro social (Brasil Moderno), no qual é possível identificar novos códigos relativos à sexualidade. Daí pode-se dizer que esses elementos

¹⁴. HEILBORN ML. *Ser ou estar homossexual: dilemas de construção de identidade social*. In: **Sexualidades brasileiras**. Rio de Janeiro. Relume Dumará. 1996. p. 136-145

discursivos de modernidade fincaram na sociedade brasileira aspectos que tocam a elaboração de “novas” identidades sexuais.

Assim, emerge uma nova publicização da questão da homoafetividade feminina no campo social, onde vemos encenar novos sujeitos que, enquadrando-se em um determinado universo de valores transcendente à orientação sexual, formulam novas roupagens da construção de suas identidades sexuais. Diante de sua abordagem Heilborn (1996, p.136-145) conclui afirmando que no mundo onde sua apresentação identitária é feita a partir do privilégio da dimensão erótica, ou seja, onde a definição de sua identidade é baseada na sua orientação sexual, é algo empobrecedor.

Analisando trabalhos que lançam-se a discutir a temática, observamos que muitos têm trago consigo uma idéia, que no meu ponto de vista já vem com uma carga de negatividade muito forte, que é a questão da associação da homossexualidade à epidemia da AIDS. Artigos como *Desencontros: as relações entre os estudos sobre a homossexualidade e os estudos de gênero no Brasil* de João Bôsco Hora Góis (2004) e *Parentalidade e conjugalidade: as aparições no movimento homossexual*¹⁵ remetem-se a estabelecer ligações entre o aumento da visibilidade homossexual no cenário social (aqui no caso de maneira negativa) e a crescente epidemia da AIDS. Sendo essa questão apresentada de forma defensiva, observa-se que foi a partir dessa ligação que se impulsionou na sociedade a necessidade de estudos sobre a homossexualidade, uma vez que muito pouco se tinha escrito a respeito. João Bôsco (2004) faz toda uma contextualização histórica acerca das discussões da homossexualidade feminina no Brasil e mostra que essa aparece em reflexões acadêmicas dos médicos-higienistas no século XIX. Assim, durante todo esse período que separa o século XIX da década de 1960 - que é quando vê-se surgir novas discussões a respeito - observa-se uma idéia negativa e distanciada da homossexualidade, encarando-a como a algo maléfico a sociedade e sendo tratada como doença.

Ainda nesse sentido Marylúcia Mesquita no texto *Orientação sexual: Experiência privada, opressão privada e pública – um desafio para os direitos humanos* traz um termo que é muito utilizado pra denominar os grupos de homossexuais: “Grupo de risco”. Esta é outra caracterização preconceituosa acerca dos homossexuais uma vez que enquadra-os em grupos,

¹⁵Trabalho desenvolvido por um grupo de pesquisadores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e da Universidade Gama Filho - Brasil Anna Paula Uziel; Igor Torres Oliveira Ferreira; Luciana Soares de Medeiros; Carlos Alexandre de Oliveira Antonio; Marcelo Tavares; Mariana Borges de Moraes; Rafael Andrade; Renata Seixas Machado.

rótulos, estatísticas que ferem a autonomia e os direitos destes enquanto cidadão e os destaca como um “perigo” no meio social.

A caminha rumo à visibilidade da homoafetividade feminina no Brasil tem se feito por caminhos árduos e tortuosos, recobertos por discussões que fogem do campo sexual e perpassam todos os setores da sociedade (político, social, econômico, cultural e religioso). Quando nos dispomos a estudar a problemática da homoafetividade feminina foi por acreditar que muito tem a ser discutido acerca de tal questão, uma vez que na tentativa de se fazer uma “história da homossexualidade feminina no Brasil” encontramos grandes lacunas em torno da mesma. Como pode ser percebido ao longo desse trabalho, muito tem sido escrito a respeito dessa questão, contudo, a História ainda tem deixado a desejar em muitos aspectos. Os discursos são permeados pela visão do “outro” acerca da homossexualidade feminina, assim já traz consigo certos “julgamentos” pré-concebidos, o que acaba interferindo no andamento da escrita do trabalho. Outras vezes nos deparamos com trabalhos pautados em entrevistas com grupos de pessoas homossexuais que trazem consigo certas posturas políticas em relação a questão, e que de certa forma, foge um pouco a realidade da maioria dos indivíduos orientados afetivamente por pessoas do mesmo sexo. Enfim, acredito que falta uma escrita que se baseie na vivências dessas mulheres que decidem viver esse amor, desejo, por outras mulheres.

Para concluir podemos afirmar que todos esses artigos, livros e textos acerca da homoafetividade feminina trazem diferentes discursos acerca do mesmo, mas que se fazem parceiro uma vez que servem como “instrumentos” que dão suporte a tão necessária, merecida e sacrificada visibilidade no cenário social. Enfim, deparamo-nos com discursos classificatórios, históricos, educacionais, críticos, introspectivos, porém, textos que acrescentaram certo conhecimento na “grande lacuna” que se fazia diante de nossos olhos, quando nos propomos a pesquisar tal temática.

Referências Bibliográficas:

BURKE, Peter. *Unidade e variedade na história cultural*. In: **Variedades de História Cultural**. Rio de Janeiro: editora Civilização Brasileira, 2000.

CERTEAU, Michel de. *A Operação Historiográfica*. In: **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora Universitária, 1982.

FURLANI, Jimena. *Mulheres só fazem amor com homens?" - (Des)construindo a homossexualidade feminina na Educação Sexual*. ST 20 - Homossexualidades femininas: subjetividades e política. Seminário Internacional Fazendo Gênero 7, 2006. CD ROM, ISBN 86-501-58-1. *Publicados em ANAIS de evento técnico-científico INTERNACIONAL (2006)*

GÓIS, João B. H. *Desencontros: as relações entre os estudos sobre a homossexualidade e os estudos de gênero no Brasil*. In: LOPES, Denílson [et al] (org.). **Imagem & diversidade sexual**. Estudos da homocultura. São Paulo: Nojosa Edições, 2004.

HEILBORN ML. *Ser ou estar homossexual: dilemas de construção de identidade social*. In: **Sexualidades brasileiras**. Rio de Janeiro. Relume Dumará. 1996. p. 136-45.

MESQUITA, Marylúcia. *Orientação sexual: Experiência privada, opressão privada e pública – um desafio para os direitos humanos*. Texto extraído do site: http://www.comuniles.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=80&Itemid=39.

MUNIZ, Jacqueline. *Homossexualidade: Um-amor-que-não-diz-seu-nome*. Texto retirado da internet e que pode ser encontrado no endereço eletrônico: (http://www.yararibeiro.com/palavras/jacqueline_muniz.htm).

NAPOLITANO, Minisa Nogueira. *A construção do lesbianismo na sociedade carioca oitocentista*. Trabalho apresentado no XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú- MG – Brasil, de 20- 24 de Setembro de 2004.

PAIVA, Antônio Cristian Saraiva. *Reserva e invisibilidade: a construção da homoconjugalidade numa perspectiva micropolítica*. In: **Conjugalidades, parentalidade e identidade lésbicas, gays e travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007. p.p. 23-46.

PORTINARI, Denise Barruezo. **O discurso da homossexualidade feminina**. Rio de Janeiro: Editora Brasiliense, 1989.

RAGO, Margareth. *Feminizar é preciso: por uma cultura filógena*. São Paulo Perspec., Jul 2001, vol.15, no.3, p.53-66. ISSN 0102-8839.

REIS, José Carlos. *História da história: civilização ocidental e sentido histórico e Da História global à História em migalhas: o que se ganha, o que se perde?* In: **História e Teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade**. Rio de Janeiro: FGV. Ed, 2003.

SWAIN, Tânia Navarro. Feminismo e lesbianismo: a identidade me questão. In: Cadernos Pagu (12), 1999. p.p. 109-120.

THOMPSON, Eduard P. *A História Vista de Baixo*. In: **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas: Ed. UNICAMP, 2001. p.p. 185-201.

UZIEL, Anna Paula, FERREIRA, Igor Torres Oliveira, MEDEIROS, Luciana Soares de *et al.* **Parentalidade e conjugalidade: aparições no movimento homossexual**. vol.12, no.26, p.203-227. ISSN.0104-718.

